

Terreirão do samba: resistência e contra-resistência no carnaval do Rio de Janeiro

*Terreirão do samba: Resistance and counter resistance in
the carnival of Rio de Janeiro*

Victor Andrade de Melo¹

RESUMO: *O carnaval, sem sombra de dúvida uma das mais importantes manifestações culturais e opções de lazer do povo brasileiro, vem sofrendo mudanças significativas em sua estrutura no decorrer do tempo. O objetivo deste artigo é refletir sobre os caminhos do carnaval carioca, especificamente tendo como foco de análise um importante espaço popular: o Terreirão do Samba. Para alcance do objetivo, estive inspirado pelas considerações teóricas de E.P.Thompson e pela minha experiência pessoal de frequentador do local. Ao final, é possível concluir que a dinâmica do espaço foi bastante distorcida pela influência da indústria cultural, chamando-se a atenção para que o poder público e estudiosos do lazer estejam atentos para tal lógica de intervenção, buscando o engajamento em ações que possam contribuir para preservação das manifestações da cultura popular.*

PALAVRAS-CHAVE: *Carnaval, Cultura popular, Lazer.*

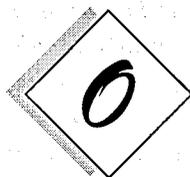
¹ Professor Doutor da Universidade Federal do Rio de Janeiro.
E-mail: victor@marlin.com.br

*“Samba
Agoniza mas não morre
Alguém sempre te socorre
Antes do suspiro derradeiro*

*Samba
Negro forte destemido
Foi duramente perseguido
Na esquina, no botequim, no terreiro*

*Samba
Inocente, pé no chão
A fidalguia do salão
Te abraçou, te envolveu
Mudaram toda tua estrutura
Te impuseram na cultura
E você nem percebeu”²*

*“Tá legal, eu aceito o argumento
Mas não altere tanto o samba assim
Olha que a rapaziada está sentindo a falta
De um pandeiro, um cavaco, um tamborim”³*



carneval é sem sombra de dúvida uma das mais importantes manifestações culturais e opções de lazer do povo brasileiro. No caso do Rio de Janeiro, a folia não se restringe aos tradicionais quatro dias, sempre aliás ampliados para a quarta-feira de cinzas e muitas vezes se prolongando pelo fim de semana posterior ao término “oficial” da festa (sob constantes protestos da Igreja Católica, que insiste em tentar impor sua lógica religiosa a toda a população).

Já em setembro do ano anterior, uma de suas facetas mais conhecidas na cidade, as Escolas de Samba, começam suas atividades, com os ensaios e a escolha do samba-enredo. Em dezembro, começam também os ensaios de bandas e blocos carnavalescos⁴. Essas são agremiações que têm suas raízes

². *Agoniza, mas não morre*. Néelson Sargento.

³. *Argumento*. Paulinho da Viola.

⁴. Tais agremiações tocam marchas carnavalescas, frevo, maracatu, sambas-enredo, desfilando pelas ruas de forma gratuita, sempre seguidas de um enorme séquito. Entre as agremiações mais famosas, podemos destacar: a Banda de Ipanema, o Simpatia é Quase Amor; o Suvaco do Cristo; o Concentra Mas Não Sai; o Bloco do Cachorro Cansado, o Cacique de Ramos; e o tradicional Cordão do Bola Preta, a mais antiga do carnaval carioca ainda existente, fundada em 1918

fincadas nas origens do carnaval do Rio de Janeiro, sendo menos conhecidas no cenário nacional, abafadas pela fama das Escolas de Samba⁵.

Enfim, há um movimento crescente que modifica substancialmente, causando “distúrbios”, o cotidiano da cidade nos meses que antecedem a festa. Tanto assim, que é corrente a afirmação de que o ano só começa realmente após o carnaval.

As discussões sobre os destinos e as mudanças na estrutura do carnaval carioca, principalmente destinadas a analisar os desfiles das Escolas de Samba, são das mais diversas ordens⁶ e muitas vezes eivadas de grande saudosismo. Sérgio Cabral, importante pesquisador do carnaval carioca, costuma falar que, na verdade, o tom de saudosismo não se refere especificamente aos carnavais antigos, mas sim às próprias vivência individuais, afinal, os carnavais da juventude são sempre mais marcantes e tendem a parecer melhores.

De qualquer forma, não se pode negar que as vivências do carnaval carioca se alteraram muito no decorrer do tempo. Inicialmente originário de uma festa portuguesa (o “entrudo”⁷), logo adendaram-se às fantasias e brincadeiras da manifestação original, o espírito irreverente do carioca e o ritmo dos tambores, pioneiramente presente no “Zé-Pereira”⁸.

O carnaval, que surgira entre as elites, logo ganharia contornos diferenciados ao ser apreendido pelas camadas populares, a partir e nas tradições da realização de festas religiosas de largo (Festa da Glória, Festa da Penha, entre outras), cada vez mais profanas⁹.

Obviamente que tal manifestação cultural não passou incólume pelas tentativas de “saneamento” e “civilização” da cidade, já que muitas vezes era

⁵ Maiores informações sobre os blocos e bandas carnavalescas podem ser obtidas no estudo de ARAÚJO (1993).

⁶ Atualmente o assunto é inclusive freqüentemente motivo de estudo em cursos de pós-graduação e de reflexões de importantes intelectuais. Vale destacar dois estudos por sua importância e pioneirismo: o de DAMATTA (1981) e o de VALENÇA (1984).

⁷ CUNHA (1996) afirma que: “Acostumamo-nos a pensar o entrudo como brincadeira de jogar água, lama, ovos, farinha, tinta e até urina uns nos outros (essa é a forma pela qual ele é habitualmente descrito pela bibliografia e por muitos dos cronistas da época). Mas, na verdade, o entrudo era apenas uma palavra que designava um período, uma festa móvel de 3 dias, em que se podia brincar de muitas formas e inverter, de diferentes maneiras, algumas regras do cotidiano” (p.97).

⁸ Segundo EDMUNDO (1957), importante memorialista da cidade do Rio de Janeiro, o “Zé-Pereira” era uma manifestação, inventada a partir de iniciativa do sapateiro português José de Azevedo Paredos, que se constituía de: “7 ou 8 magãos vigorosos, tendo por sobre os ventres empinados satânicos tambores, caixas de rufo ou bombos, que por entre alucinantes brados, passam pelas ruas, batendo, surrando, martelando, com estrondo e fúria, a retesada pele daqueles roncões e atroadores instrumentos” (p.767).

⁹ Sugiuro, para os que desejem maiores informações, o estudo de SOIHET (1999).

relacionada aos costumes das camadas populares, considerados desregrados, grosseiros, “bárbaros” e atrasados. Um exemplo claro de tal ação pode ser encontrado no período conhecido como Belle Époque carioca (anos finais do século XIX e iniciais do XX), quando se tentou a todo custo “regulamentar” a prática, sem, no entanto, completo sucesso. De fato, é fundamental sempre pensar o carnaval carioca na perspectiva de contínua resistência e contra-resistência¹⁰.

Mas o objetivo desta reflexão não é discutir todas as manifestações do carnaval carioca. Nem tampouco reproduzir um clima de saudosismo (e teria impulsos para tal, afinal sou um carioca que vive com intensidade o carnaval da cidade desde a infância). Também não pretendo apostar na definitiva “distorção” do carnaval do Rio de Janeiro, até porque tendo a encarar de forma não-linear e não-mecânica a relação entre dominador e dominado, não acreditando que a indústria cultural tenha o poder supremo da eliminação completa das manifestações da cultura popular. Meu intuito neste artigo é refletir sobre os caminhos do carnaval carioca, especificamente tendo como foco de análise um importante espaço popular: o Terreirão do Samba. Para alcance do objetivo, estive inspirado por algumas influências teóricas¹¹, mas também por minha experiência pessoal de frequentador deste local.

O Terreirão do Samba se localiza na Praça Onze, ao lado da Passarela do Samba (mais conhecida como “Sambódromo”) e aproximadamente no mesmo espaço em que outrora, da mistura de baianos que habitavam a Favela da Providência e membros da classe média carioca, surgiu o samba carioca nas feições aproximadas dos dias atuais, onde se destacam e são mais conhecidos o samba de enredo, o samba de exaltação, o partido-alto e o pagode¹².

Como espaço institucionalizado atual, o Terreirão se origina paralelamente ao surgimento da Passarela do Samba (1984), imensa estrutura de concreto

¹⁰. Interessante destacar que VALENÇA (*op.cit.*) considera que no carnaval há até mesmo uma “*inversão momentânea da estrutura social*” (p.18). Maiores informações sobre as tentativas de controle e “saneamento” do carnaval carioca podem ser obtidas nos estudos de: ARAÚJO (*op.cit.*), CUNHA (*op.cit.*) e NEEDELL (1993).

¹¹. Tenho procurado pensar a cultura a partir das considerações de E.P.Thompson, principalmente no que se refere às suas considerações sobre resistência e contra-resistência nas camadas populares. Maiores informações podem ser obtidas nos estudos de THOMPSON (1987) e de PALMER (1996). A revista Projeto História, número 12, editada pelo Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), foi totalmente dedicada a discutir o autor e constitui-se em uma boa alternativa para compreender sua obra.

¹². A Praça Onze é um lugar bastante tradicional e de grande importância no carnaval carioca. Uma discussão interessante sobre tal espaço, pode ser encontrada no estudo de MOURA (1995).

construída na primeira gestão de Leonel Brizola no governo estadual, a partir de iniciativa do então secretário de governo Darcy Ribeiro, tendo sido planejada pelo arquiteto Oscar Niemeyer. O Sambódromo foi construído no mesmo local onde os desfiles de Escolas de Samba vinham ocorrendo desde a década de 70 (Rua Marquês de Sapucaí), acabando com o monta-desmonta anual de arquibancadas para o público assistente.

Como tudo o que cerca o carnaval do Rio de Janeiro (e porque não dizer, a cidade inteira), tal construção foi cercada de polêmicas, entre as quais algumas referentes a frieza do espaço para a realização de festa tão “quente” e animada. Além disso, naquele momento já se sentia a elitização crescente dos desfiles das Escolas de Samba, com o aumento do preço dos ingressos e do luxo das escolas, o que exigia um maior poder aquisitivo para a obtenção das fantasias e para participação nos espetáculos. Já cada vez mais os moradores das comunidades de origem estavam restritos à bateria, à ala das baianas, à função de mestre-sala e porta-bandeira e a uma ala específica (ala da comunidade)¹³.

Parece-me claro que a ocupação da Praça Onze com barracas de bebida e comida e com espetáculos de samba que não de enredo, surge naquele momento com uma forma de resistência/reelaboração: a busca de opção para os que desejavam ouvir sonoridades diferentes e/ou mesmo que não podiam pagar para participar do caro espetáculo dos desfiles. À ditadura do Sambódromo, cada vez mais desapropriado da população e influenciado pelos meios de comunicação de massa, o carioca, como de costume na história da cidade, formulava alternativas para manter suas tradições e suas possibilidades de diversão.

Foi no início da década de 90 que comecei a frequentar o Terreirão do Samba, encantado pela diversidade de opções e pelas características do espaço. Não sendo por certo um membro das camadas populares, não poucas vezes fui alertado sobre o risco de tal frequência, supostamente perigosa e arriscada. Afinal, nossa classe média é daquelas que adora anunciar a mistura de classes, mas sempre que pode prefere deixar claro a distância e a diferença, sendo constante o argumento da violência dos espaços populares.

Nenhum dos avisos, contudo, foi suficiente para me impedir de participar daquele espaço, onde me deliciava com uma certa “organização desorganizada”. Barracas aparentemente precárias, com toldos de cores diversas, sempre com

¹³. Importante observar que mesmo em menor número, os membros da comunidade ocupam postos de grande importância para a realização do espetáculo. Da mesma forma, mesmo nessas alas é cada vez maior o número de indivíduos de “fora da comunidade”.



uma espontaneidade deliciosa, a cerveja gelada (de garrafa, pois quem bebe cerveja sabe o quanto a lata muda o paladar da bebida) e uma comida “típica” (para um membro das camadas médias, pois para as camadas populares eram usuais), simples e amistosa.

Além disso, em um palco longe das melhores condições técnicas, tinha a possibilidade de assistir grandes nomes do samba carioca. Sem falar que os grupos afro da cidade (Filhos de Gandhi, Oruminla, entre outros) organizavam apresentações informais em suas barracas, tornando mais difusa e rica a sonoridade do ambiente. Por certo foram noites e madrugadas (e às vezes dias) intermináveis e divertidos.

Logo fiz amizade e tornei-me cliente fiel de um dos barraqueiros (“Barraca da Rose”), afinal sem a barraca não há festa de largo. Aliás, as barracas são verdadeiras instituições que se organizam como simulacros de família, onde clientes marcam para encontrar seus grupos e logo grupos se entrecruzam, capitaneados pelo responsável pela barraca.

Para que tenha sucesso e seja freqüentada, a barraca deve atender a alguns requisitos básicos: simpatia, mas com firmeza para repelir os mais “abusados”;

cerveja gelada (isso é indiscutível); comida de qualidade e sempre pronta a ser alterada, caso haja solicitação dos clientes mais fiéis¹⁴; uma mesa sempre reservada para os clientes “da casa”; a possibilidade de passar cheques (sempre motivo de desconfiança quando você não conhece o dono da barraca) e até mesmo, em casos extremos, “pendurar a conta” para o dia seguinte; sem falar na concessão daquelas cervejas de “lambuja” na hora de “fechar a conta”, quando a quantia justifica tal investimento.

Enfim, a barraca é um importante espaço de referência no meio daquele “mundaréu” de gente disposta a se divertir. E com tantos atrativos, logo outros amigos, também de classe média, muitas vezes por mim convidados, “chegaram junto” e começaram a se tornar *habitués* do espaço. Já não mais se discutia: carnaval é no Terreirão!

Com o decorrer do tempo, contudo, a Prefeitura supostamente começou a organizar aquele espaço outrora informal. Primeiro, o palco abandonou sua precariedade e deu lugar a uma estrutura de concreto, que lamentavelmente é pouco utilizada no decorrer do ano. Ponto para a organização: nada como ouvir de forma mais clara os “bambas” que tanto nos encantavam. Depois, instalaram alguns banheiros móveis. Mais um ponto para a organização: chega de sujar a cidade e expor as intimidades pelos cantos da Praça Onze.

Entretanto, com o passar do tempo a coisa começou a ficar preocupante. Resolveu-se cercar (cercear?) o espaço, antes completamente aberto, e cobrar pelo ingresso, sobre o suposto argumento de conferir mais segurança (mais uma vez a representação de que os espaços populares são os mais perigosos) e conforto. Assim, surgiram as catracas eletrônicas, os ingressos magnéticos e os “seguranças” espalhados pelo Terreirão.

Antes era a turma do “deixa-disso” que separava as brigas, até certo ponto comuns quando há uma grande aglomeração, ainda mais quando a bebida alcoólica e a sensualidade da festa deixam os “nervos mais à flor da pele”. Vale observar que nos anos em que o Terreirão não era cercado, não vi nada de absurdo, se comparado a outros espaços da cidade. Sim, houve brigas, mas que também ocorrem em qualquer festa aberta.

¹⁴. No meu caso, por exemplo, já que tenho algumas restrições alimentares devido à minha opção religiosa, a Rose estava sempre pronta a preparar um caldo de mocotó sem feijão branco.

É óbvio que todos desejam mais segurança, mas se a Prefeitura investe alguns milhões nas Escolas de Samba¹⁵, por que não poderia investir alguns milhares para garantir de maneira gratuita o carnaval popular? Poderia até contratar “seguranças”, mas seria necessário cercar e cobrar ingressos? Mais uma vez parecia a velha iniciativa de “saneamento”, tantas vezes presente na história do carnaval. Mesmo sendo preocupante, não se deixaria de ir ao Terreirão por causa de R\$ 1 (preço cobrado inicialmente)¹⁶.

Há dois anos atrás a intervenção “organizadora” (saneadora?) do poder público começou a ficar mais acentuada. Devido às injunções de mercado e a necessidade de financiamento, estabeleceu-se um monopólio de uma cervejaria para as barracas. Além do direito de escolha ser cerceado (e quem bebe cerveja sabe o quanto a marca da cerveja faz diferença), tínhamos que beber exatamente a cerveja menos apreciada no gosto geral da população. E ainda era em lata, não mais em garrafa. Havia um verdadeiro “tráfico” de cerveja de marcas preferidas pelo espaço.

Além disso, as barracas foram uniformizadas, o que se não era de todo ruim, não deixava de significar uma intervenção exagerada. Ainda assim, permanecia bastante do espírito do Terreirão e a música continuava “de primeira”. Que saudade da Jovelina Peróla Negra, recentemente falecida, que tantas vezes vi por lá cantar!

Nesse ano de 2000 a coisa chegou ao limite da tolerância. Como de costume, logo me animei quando vi o início das atividades do Terreirão. Comecei a lembrar e sentir saudades da Rose e me imaginei ouvindo música de qualidade, atravessando as madrugadas, esperando o dia rair, sem preocupar-me com nada.

E assim mais uma vez, junto com os velhos amigos de sempre, compareci ao Terreirão. Paguei os R\$ 3(!) de ingresso, encarei uma fila de entrada e procurei a Rose. Mas lá chegando, coisa diferente encontrei. De início, tudo até correu bem. A cerveja e a comida na Barraca da Rose continuam perfeitas. Néelson Sargento e Wálter Alfaiate (samba da melhor qualidade) se preparavam para sua apresentação. Mas eles eram só um (delicioso) aperitivo para o péssimo jantar que estava para ser servido.

¹⁵. No ano 2000, sob o argumento de que o desfile era comemorativo aos 500 anos de “descoberta” do Brasil, a Prefeitura investiu 7 milhões de reais somente em doação às Escolas.

¹⁶. Obviamente que pude ouvir diversos protestos verbais na entrada: “Mer’mao, agora além de encerrar uma fila, ainda tomo uma cerveja a menos!!!”.

Patrocinados por uma rádio “líder de audiência” no Rio de Janeiro, grupos de “neo-samba” (se é que se pode chamar aquilo de samba), desfilavam seus *hits* melosos, suas letras superficiais, sempre seguidas de “coreografias”. É claro que grande parte do público modificara-se e por certo gostava da música que, aliás, cotidianamente lhes é imposta pela indústria cultural. O samba de tradição perdera lugar no espaço que foi criado exatamente pelos que originariamente queriam para ele (e devido a ele) buscar uma opção.

Por certo, aí está uma discussão complexa: o que é música e samba de qualidade e de tradição? Creio que as reflexões de SANTOS (2000) são adequadas para explicitar uma compreensão acerca de tal questionamento. Afirma o autor:

“O conceito de cultura está intimamente ligado às expressões de autenticidade, da integridade e da liberdade. Ela é uma manifestação coletiva que reúne heranças do passado, modos de ser do presente e aspirações, isto é, o delineamento do futuro. Por isso mesmo, tem de ser genuína, isto é, resultar das relações profundas dos homens com seu meio, sendo por isso o grande cimento que defende as sociedades locais, regionais e nacionais contra as ameaças de deformação ou dissolução de que podem ser vítimas” (p.18).

O autor chama a atenção para a necessidade de discutirmos profundamente a ação da indústria cultural, de maneira que não consideremos como similares manifestações culturais que são produzidas a partir de lógicas bastante diferenciadas. De forma contundente, afirma:

“O Brasil, pelas suas condições particulares desde meados do século 20, é um dos países onde essa famosa indústria cultural deitou raízes mais profundas e por isso mesmo é um daqueles onde ela, já solidamente instalada e agindo em lugar da cultura nacional, vem produzindo estragos de monta. Tudo, ou quase, tornou-se objeto de manipulação bem azeitada, embora nem sempre bem sucedida” (p.18).

Pergunta-se, a partir disso: por que a Prefeitura ao invés de estar tão preocupada com o “saneamento” do espaço, não investiu na contratação de grupos/cantores que expressem de forma mais genuína e profunda as relações

do povo carioca com seu meio, como no passado fizera com Jorge Aragão, Martinho da Vila, Dona Ivone Lara? Afinal, não deve ser uma preocupação dos poderes públicos contribuir com a formação cultural de seu povo, ao invés de estimular a difusão das “escolhas” da Indústria Cultural? Seria adequado a Prefeitura “vender” (entregar) aquele espaço para uma rádio de grande audiência (mercado)?

Curioso ainda, é que essa mesma Prefeitura organizou na Cinelândia uma palco popular aberto, tentando “reviver” os bons carnavais de antigamente. Contudo, por que não fez o mesmo com o Terreirão do Samba? Seria exagero afirmar que isso estaria no mesmo contexto do processo de “saneamento”, sempre sob o suposto argumento de organização? Estamos, na verdade, assistindo a uma estratégia de “desorganização” (contra-resistência).

Uma prefeitura comprometida com a construção de uma sociedade mais justa deveria investir em cultura e não na indústria cultural, pois assim está abrindo as portas para que essa instale hábitos, compreensões e gostos que somente interessam as elites, destruindo a autenticidade das camadas populares. As palavras de SANTOS (2000) são bem adequadas para refletirmos sobre o que houve com o Terreirão:

“(...) é frequente que as manifestações genuínas da cultura, aquelas que têm obrigatoriamente relação com as coisas profundas da terra, sejam deixadas de lado como rebotalho ou devam se adaptar a um gosto duvidoso, dito cosmopolita, de forma a atender aos propósitos de lucro dos empresários culturais”(p. 18).

Decepcionado, mas esperançoso, ainda voltei no outro dia ao Terreirão. Contudo a dinâmica do espaço realmente fora alterada. Menos uma opção para as noites de carnaval, pois nas manhãs e nas tardes muitos blocos e bandas resistem bravamente, embora tantas outras tenham desaparecido (saudades do Bafo da Onça...) e mesmo algumas atuais estejam mudando sua forma de festejar.

Surpreendentemente (ou não), na Lapa (velho reduto de boêmia), onde se anunciava um carnaval alternativo (com a presença de grupos de rock e hip-hop), pude assistir finalmente a horas de samba da “melhor qualidade”, tradicional e autêntico, com Monarco, João de Aquino, Dorina, D. Surica, Néilson Sargento, Luiz Carlos da Vila, Renatinho de Pilares, Wilson Moreira, Wálter Alfaiate, Marquinhos de Oswaldo Cruz, Mauro Diniz, entre outros.

Por enquanto, a Prefeitura ainda não resolveu “organizar” extremamente aquele espaço da Lapa, e, além da música de qualidade, foi possível até mesmo tomar cerveja de garrafa. Não havia seguranças e também não houve brigas. E mesmo que a presença de grupos de outras sonoridades não tão, a princípio, afeitas ao carnaval fosse constante, era muito interessante ver como tais grupos reverenciavam os velhos sambistas.

Parece que existe uma tendência lamentável a manter o Terreirão como um espaço de difusão da indústria cultural. O que dá esperanças é que, numa cidade como o Rio de Janeiro, por mais que os poderes públicos tentem destruir ou não se empenhem para manter as tradições, muitas vezes utilizando o pretexto de “organização”, sempre resistência e contra-resistência andarão em conjunto: a tensão é constante. E seus habitantes mais exigentes encontrarão alternativas para curtir um carnaval tradicional e de qualidade.

Mas, por certo, uma prefeitura que tivesse um projeto consistente e transformador de cultura/lazer poderia trazer grandes benefícios para a população. E nós, estudiosos do lazer, que cada vez mais deveríamos nos esforçar para ser pensadores/animadores da cultura, também deveríamos estar atentos para a necessidade de intervir de alguma forma nesse processo de preservação das manifestações da cultura popular, até mesmo porque os órgãos governamentais muitas vezes não o fazem, comprometidos que estão com as elites que os ajudam a se eleger.

Referências Bibliográficas

- ARAÚJO, R. M. B. de. *A vocação do prazer - a cidade e a família no Rio de Janeiro republicano*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- CUNHA, M. C. P. “Você me conhece?” Significados do carnaval na Belle Époque carioca. *Projeto História*, São Paulo, n.13, p.93-108, 1996.
- DAMATTA, R. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- EDMUNDO, L. *O Rio de Janeiro do meu tempo*. Rio de Janeiro: Conquista, 1957.
- MOURA, R. *Tia Ciata e a pequena África no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1995.

NEEDELL, J. D. *Belle Époque tropical*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

PALMER, B. D. *Edward Palmer Thompson: objeções e proposições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

SANTOS, M. Da cultura à indústria cultural. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 19 março 2000. Caderno Mais, p.18.

SOIHET, R. *A subversão pelo riso - estudos sobre o carnaval carioca da Belle Époque ao tempo de Getúlio*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1999.

THOMPSON, E.P. *A formação da classe operária inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. 3 v.

VALENÇA, R. *Palavras de purpurina*. Estudo lingüístico do samba-enredo (1972-1982). Niterói: Universidade Federal Fluminense, 1984. (Dissertação, Mestrado).

ABSTRACT: *Carnival is one of the most important cultural manifestation and leisure option of the Brazilian population. We can observe different changes in its structure in diverse moments of history of Rio de Janeiro. The aim of this article is to argue about these changes, specifically using as analysis focus an important popular place: the Terreirão do Samba. To reach the purpose, I was inspired from E.P.Thompson thought and from my experience as frequenter of that place. In conclusion, it was possible to realize that the dynamics of that place was significantly changed by the influence of cultural industry. It was suggested that governmental organizations and leisure scholarlies should be thoughtful with this kind of influence and should try to develop actions to preserve manifestations of popular culture.*

KEYWORDS: *Carnival, Popular culture, Leisure.*